

ALICE WALKER

A TERCEIRA VIDA DE
GRANGE COPELAND

Tradução

Carol Simmer e Marina Vargas

1ª edição

JOSÉ
OLYMPIO

Rio de Janeiro, 2020

I.

Brownfield ficou parado ao lado da mãe no quintal, sem tirar os olhos da traseira do automóvel que se afastava. Seu tio Silas diminuiu a velocidade do carro quando chegou a um lugar onde uma pedra pontuda se projetava na estrada: uma semana antes havia arrebentado um cárter ali. Depois de passar por esse ponto, que havia amaldiçoado em suas idas e vindas durante a semana, ele colocou o braço para fora da janela e acenou descontraidamente para eles. Brownfield acenou de volta com tristeza, os olhos marejados. A tia Marilyn, que ele não conseguia ver pelo vidro traseiro do carro, sacudiu um delicado lenço azul pela janela do carona. O lenço esvoaçou alegremente, como uma flâmula. Os primos de Brownfield estavam com o rosto pressionado contra a janela traseira, as mãos delicadas e difíceis de enxergar se movendo monotonicamente para cima e para baixo. Eles estavam cansados de acenar, pois vinham dando adeus desde que tinham terminado o café da manhã.

O automóvel era um Buick 1929 novo, comprido, alto e verde brilhante, com grandes faróis salientes que pareciam os olhos de um

sapo. Dentro do carro, tudo era azul, inclusive os assentos felpudos e macios. Maçanetas finas de prata abriam as portas e faziam as janelas incrivelmente transparentes subirem e descerem. Conforme avançava aos solavancos pela estradinha, a capota de lona era arranhada pelos galhos mais baixos dos olmos. Brownfield sentia vergonha da estrada ruim e dos danos que causava ao carro do tio. Tio Silas amava o carro e tinha passado a manhã inteira o lavando, lustrando os raios dos pneus e tirando a terra do estribo. Agora ele chacoalhava sobre valas e buracos, lançando o tio Silas, sua esposa e seus filhos no ar e fazendo com que caíssem novamente com um solavanco. Brownfield suspirou quando o som do metal contra as pedras chegou a seus ouvidos. Aquela estradinha era apenas para mulas, carroças e pés descalços.

— Uma carroça ia ser melhor — disse o pai dele.

— Mas nem de longe elegante desse jeito.

Sua mãe olhava para o carro sem inveja, mas com um ar melancólico.

Brownfield observou o automóvel até ele virar uma curva e finalmente desaparecer de vista. Em seguida ficou assistindo às últimas nuvens de poeira baixarem. Já sentia falta dos primos, embora eles o fizessem se sentir burro por nunca ter ido ao cinema e por nunca ter visto casas empilhadas umas em cima das outras até quase chegarem ao céu. Tinha passado uma semana em sua casa e deixaram de se impressionar com seu pouco conhecimento sobre a vida rural no primeiro dia. Ele mostrou aos primos como tirar leite da vaca, como alimentar os porcos, como encontrar os ovos das galinhas; mas no dia seguinte eles o bombardearam com conversas sobre automóveis, iluminação pública, ruas pavimentadas e coletores de lixo e sobre uma coisa na qual haviam andado certa vez em uma loja de departamentos que subia, subia, subia de um andar para o outro sem que ninguém precisasse dar um passo. Ele tinha ficado deslumbrado com essas informações, mas, por fim, irritou-se. Os primos o provocaram porque ele morava no campo e nunca via nada nem ia a lugar nenhum. Disseram que o pai dele trabalhava para um branco e que o branco era dono dele. Disseram que o pai deles, seu

tio Silas, tinha ido para a Filadélfia para ser seu próprio chefe. Disseram que a mãe dele queria deixar o pai e ir para o Norte, ir para a Filadélfia com eles. Disseram que ela queria que ele, Brownfield, frequentasse a escola, que estava cansada do pai dele e queria deixá-lo de qualquer maneira. Os primos contaram tudo isso a Brownfield e muito mais. E o deixaram desnorteado, empolgado e magoado. Ainda assim, sentia falta deles; os primos pertenciam a um mundo que ele nunca tinha visto. Agora que tinham ido embora, ele se sentia como costumava se sentir apenas no inverno, nunca em junho: como se estivesse esperando por algo que ainda ia demorar muito para acontecer.

— Eu queria era que a gente morava na Filadélfia — disse ele.

— É, mas a gente não mora.

Quem disse isso foi o pai dele.

Brownfield olhou para Grange com surpresa. O pai quase nunca falava com ele, a menos que estivessem recebendo visitas. E mesmo nessas ocasiões, agia como se falar com o filho fosse um esforço, uma exigência pesada.

— O tio Silas gosta de falar sobre o automóvel — disse Brownfield, os lábios se atrapalhando ao pronunciar a palavra. Era uma palavra do tio, uma palavra da cidade. No campo, sempre diziam carro. Algumas pessoas ainda se referiam a eles como carroças, como se não conseguissem se acostumar a um meio de transporte que não fosse puxado por cavalos.

— Eu queria era que a gente tinha um automóvel que nem que esse!

— É, mas a gente não tem.

— Não, a gente não tem — reforçou Margaret.

Brownfield franziu o cenho. A mãe dele concordava com o pai sempre que possível. E, embora tivesse apenas dez anos, Brownfield se perguntava por quê. Ele achava que a mãe era como o cachorro deles em alguns aspectos. Não havia absolutamente nada que ela dissesse que não demonstrasse sua submissão ao marido.

— A gente tem é que agradecer por ter um teto sobre a cabeça e três refeições por dia.

Na verdade, era mais como uma refeição por dia. A mãe sorriu para Brownfield, um dos raros sorrisos repentinos que iluminavam seu rosto suave, em forma de coração. Sua pele era de um tom de marrom intenso, com um leve brilho avermelhado. Seus dentes eram pequenos e regulares e seu hálito era sempre doce, com uma limpeza leitosa. Brownfield tinha mãos como as dela, longas e finas mãos aristocráticas, com dedos feitos para acomodar joias. A mãe não tinha aliança, no entanto.

Brownfield ouviu o silêncio familiar ao seu redor. A casa deles ficava no fim da longa estradinha acidentada que dera tanto trabalho ao carro do tio. A estradinha não parecia ser mais do que uma trilha que se ramificava da estrada principal, que era de terra batida uniforme. O responsável por manter a estrada nivelada, um homem em uma grande máquina amarela parecida com um tanque, nunca nivelava a estradinha que levava à casa deles, o que fazia com que fosse tão esburacada e ficasse cheia de poças de lama quando chovia. A casa ficava em uma clareira rodeada por uma floresta. Uma floresta cheia de animais e pássaros. Mas não eram animais grandes nem pássaros barulhentos, e às vezes dias se passavam sem que se ouvisse um som, e o céu parecia um cachecol redondo e azul feito de lã.

Brownfield havia nascido ali, nas vastas planícies cobertas de plantações de algodão do sul da Geórgia, e tinha se familiarizado primeiro com o calor sufocante no verão, em seguida com os longos períodos de quietude ininterrupta. Ainda muito pequeno, perambulava sozinho pela clareira, perseguindo lagartos e cobras, exibindo com solenidade seus cortes e machucados quando a mãe chegava em casa à noite.

A mãe o deixava todas as manhãs com um abraço apressado e um punhado de açúcar envolto em um pano, que ele chupava em tempo seco ou chuvoso, pela clareira empoeirada ou lamacenta, até que ela voltasse. A mãe trabalhava o dia todo catando minhocas para servirem de isca de pesca em troca de algum dinheiro. Suas pernas estavam sempre limpas quando ela saía de casa e sempre cobertas de lama e lodo

quando voltava. As iscas que ela “catava” eram acondicionadas em latas e vendidas na cidade a cavalheiros que iam pescar por esporte. Quando era um bebê, a mãe costumava levar Brownfield com ela para a fábrica de iscas, mas ele atrapalhava, e as pilhas de minhocas se contorcendo, que primeiro eram jogadas em uma longa mesa para serem separadas, o aterrorizavam. Elas sempre tinham parecido parte da mesa, até que um dia a mãe o colocou sentado perto delas, ele rolou e se enroscou nas minhocas. Brownfield teve a sensação de que elas se moviam com uma contorção cega totalmente horripilante. Ele gritou sem parar. A mãe recebeu ordens de tirá-lo de lá imediatamente e nunca mais levá-lo para o trabalho.

No começo, ela o deixava em casa em uma cesta, com o pano cheio de açúcar pressionado contra o rosto. Ele passava o dia sugando o pano até reduzi-lo a um trapo sem gosto. Então, quando aprendeu a andar, ela o deixava nos degraus da varanda. Nos momentos que passava sentado ali, sem ter o que fazer, ele compartilhava os degraus com o cão magro e sarnento da família. E quando voejavam em torno do focinho do cão, as moscas voejavam também em torno de seu rosto. Não havia ninguém lá para afastá-las, nem para trocar a fralda encharcada que as atraía, e que ele usava, encardida e úmida, presa em torno da cintura distendida. Ele passava horas perdido em um estupor monótono e letárgico. Sua fome fazia com que se movesse em transe, os olhos pesados e anormalmente brilhantes.

Aos quatro anos, vivia coberto de feridas. Eczemas cobriam sua cabeça, devorando seus cabelos em chumaços do tamanho de uma moeda. Os pés de tomate deixavam suas pernas cobertas de urticária até os joelhos — quando os tomates na horta da mãe estavam maduros, ele não comia nada além de tomates o dia inteiro —, e o pus escorria de furúnculos que irrompiam sob suas axilas. Sua mãe lavava as feridas com água de basalto. De repente, dos dias que passava sentado sem fazer nada, tirando as cascas das feridas, foi surgindo uma lânguida e lenta sequência de tarefas que era obrigado a realizar. Ele dava comida

aos porcos, buscava lenha e conduzia a vaca pela clareira em busca de capim fresco. Quando completou seis anos, a mãe o ensinou a alimentar e ordenhar a vaca. Então ele passou a apreciar a paciência lenta e tranquila do animal e gostava de recolher seu leite substancial em um balde de estanho e bebê-lo ainda quente, escorrendo pelo queixo.

O pai trabalhava: semeando, cortando, espalhando veneno e colhendo algodão na plantação que se estendia por quase um quilômetro ao longo da estrada principal. Brownfield também trabalhava lá havia quatro anos, desde os seis, na companhia de outras crianças. O pai trabalhava com homens e mulheres em outra parte da plantação. A plantação de algodão também costumava ser silenciosa. As crianças ficavam cansadas demais e eram encorajadas a não brincar por causa do algodão. Os adultos conversavam baixinho, de forma intermitente, como o zumbido esporádico de vespas. O burburinho de suas conversas se tornava parte do silêncio, pois nada do que diziam podia ser ouvido com clareza do outro lado do campo, onde as crianças trabalhavam.

No fim do dia, todos os trabalhadores paravam. Havia cerca de vinte adultos, e cada um tinha vários filhos que trabalhavam na parte da plantação destinada às crianças. O trabalho delas consistia em percorrer as fileiras que os pais tinham percorrido ao longo da semana anterior “capinando o algodão”, como se dizia. Quando viam os pais depositando os sacos no chão, as crianças se aproximavam e se posicionavam ao lado deles na borda da plantação, enquanto todos aguardavam a chegada do caminhão. Brownfield esperava o caminhão junto ao pai, que nunca olhava para ele nem reconhecia sua presença, a não ser no momento de colocar a saca de algodão na traseira do caminhão. Brownfield tinha medo do silêncio do pai, e seu medo atingia o auge quando o caminhão chegava. Pois quando ele chegava, o rosto de seu pai se congelava em uma máscara anormalmente cordial, uma visão curiosa e inquietante. Era como se seu pai se tornasse uma pedra ou um robô. Uma imobilidade sombria se instalava em seus olhos e ele se tornava um objeto, uma cifra,

algo que se movia em solavancos tensos, quando se movia. Enquanto o caminhão ficava parado junto à plantação, os trabalhadores prendiam a respiração. Uma família de cinco ou seis se perguntava, ansiosa, se conseguiriam, juntos, levar para casa um dólar inteiro. Alguns dos trabalhadores riam e brincavam com o homem que dirigia o caminhão, mas olhavam para os sapatos, as pernas da calça ou as mãos dele, nunca em seus olhos, e sua expressão era uma combinação de pequenos sorrisos dissimulados e um desespero acovardado e envergonhado.

O pai de Brownfield não dava um sorriso. Ele simplesmente ficava paralisado; seus movimentos, quando precisava se mover para colocar sacas no caminhão, eram rígidos como os de uma máquina. No início, Brownfield achava que o pai ficava petrificado diante do veículo. O caminhão era grande e barulhento, de um cinza frio e militar. Seus grandes pneus achatavam os caules dos algodoeiros e cavavam sulcos profundos na terra macia do campo. Mas depois de assistir ao carregamento por várias semanas, ele percebeu que era o homem que dirigia o caminhão que fazia com que seu pai vestisse uma máscara mais impenetrável do que seu silêncio habitual. Brownfield olhou atentamente para o sujeito e fez uma descoberta surpreendente: o homem era um homem, mas completamente diferente de seu pai. Quando se deu conta da diferença de odor, som, movimento e riso, bem como de cor, ele se perguntou como não a havia percebido antes. Quando criança, no entanto, todos os homens pareciam se fundir em um só. Eram exatamente iguais, tinham todos o mesmo cheiro, a mesma sensação de dureza musculosa quando o seguravam contra seus corpos, a mesma indiferença em relação a tudo que era pequeno. Eles se orgulhavam apenas de sua própria grandeza, quando riam e abriam suas bocas cavernosas, ou quando andavam com seus passos largos e temíveis, ou quando se curvavam para pegá-lo de sua grande altura e o atiravam para cima e o pegavam nos braços. A reação de horror imediato de Brownfield ao ver o homem que deixava seu pai paralisado foi porque ele tinha cabelos castanhos e lisos como a pelagem de um animal. Pensando que essa descoberta era a explicação

para o distanciamento frio do pai em relação ao homem, Brownfield passou a sentir ele mesmo um nervosismo paralisante em sua presença.

Uma vez o homem tocou sua mão com o cabo da bengala, de leve, e disse, com um hálito de menta: “Você é o filho de Grange Copeland, não é?” E Brownfield respondeu: “Ahã”, mordendo lábio e recuando para se afastar do enorme emaranhado de pelos cinza-escuro que cobria a parte superior do peito e o pescoço do homem. Enquanto ele olhava para os pelos, um dos trabalhadores — não seu pai, parado a seu lado como se não soubesse que ele estava ali — disse baixinho: “Diga ‘Sim, senhor’ para o Sr. Shipley”, e Brownfield olhou para cima antes de dizer qualquer coisa, e examinou o rosto do pai. A máscara estava tão firme e impassível quanto se ele tivesse se revestido de cera. E Brownfield sentiu pela primeira vez um odor de suor, medo e algo indefinido. Algo abafado e tenso (que era de seu pai e dos outros trabalhadores, e não de menta) que vinha do corpo de seu pai. O pai dele não disse nada. Brownfield, tremendo, disse “Sim, senhor”, tomado pelo terror diante daquele homem que era capaz, com sua simples presença, de transformar seu pai em algo que mais parecia um seixo, uma estaca ou um punhado de terra, exceto pelo odor amargo e pronunciado de algo cuja fonte estava contida à força na carne.

Um dia, não muito tempo depois, Grange estava bebendo tranquilamente em casa, estendido na varanda. Brownfield estava sentado nos degraus olhando para ele, hipnotizado pelo movimento da garrafa subindo e descendo na mão do pai. Grange percebeu que ele estava olhando, e Brownfield teve medo de se afastar e medo de permanecer onde estava. Quando bebia, seu pai considerava qualquer ação uma afronta pessoal. Ele olhou para Brownfield e começou a falar. Havia pequenas linhas amarelas e vermelhas em seus olhos, como as nervuras de uma folha. Brownfield se aproximou. Mas tudo que o pai dele disse foi:

— Eu devia era de te jogar ocê no maldito poço.

Brownfield recuou, alarmado, embora não houvesse raiva nem determinação na voz de seu pai; havia apenas um anseio violento e embriagado e um tremor exausto de pena e arrependimento.

Brownfield havia contado aos primos sobre o homem, e foi então que eles lhe contaram como o pai dele pertencia a outro homem e como o pai deles havia escapado de pertencer a outro homem ao se mudar para o Norte. E agora eles tinham um belo carro novo a cada dois anos, belos móveis com estofado aveludado, e sua mãe não tinha que catar iscas nojentas, mas trabalhava para pessoas que possuíam duas casas e um longo carro preto que era dirigido por um homem que vestia um traje verde com galões dourados. Esse homem era o pai deles, que um dia os havia levado para um passeio no carro, então eles sabiam do que estavam falando. Eles haviam brincado com crianças ricas e, ao falar sobre elas com Brownfield, que vivia em uma casa cheia de goteiras, pareciam ricos também.

Angeline, sua prima, que tinha o costume de escutar conversas, disse a Brownfield, com impaciência, que ela e o irmão Lincoln haviam ouvido a mãe dizer que a família de Brownfield nunca conseguiria nada, porque não tinham juízo suficiente para deixar o condado de Green, na Geórgia. Foi Angeline quem contou a ele que sua mãe dissera que Grange não prestava; que ele tinha tentado obrigar a esposa a “se vender” para quitar suas dívidas. A mãe de Brownfield e a de Angeline eram irmãs.

— Ele até queria que ela se vendesse pro homem que dirige o caminhão — mentiu Angeline.

— Ou pra qualquer outra pessoa que quisesse comprar ela! — completou Lincoln.

Lincoln começou a dançar ao redor de Brownfield.

— Vocês estão devendo mil e duzentos dólares! E nunca vão conseguir pagar!

Angeline empinou o nariz com afetação.

— Meu pai diz que vocês nunca vão pagar, porque vocês não têm dinheiro e o seu pai bebe todo o dinheiro que aparece nas mãos dele.

Brownfield quis saber o que “vender” significava quando aplicado à sua mãe, mas os primos apenas riram e cutucaram um ao outro, sérios mas com um deleite visível.

Para Brownfield, as informações que os primos lhe deram foram especialmente agourentas. Ele tentou se lembrar de quando o silêncio do pai havia começado, pois certamente devia ter havido um tempo quando o pai arrulhava, esperançoso, enquanto fazia festinha para ele em seu joelho. Talvez, pensou, o silêncio do pai fosse parte da razão para a mãe ser sempre tão submissa a ele e para o pai estar sempre com ciúmes dela e ficar com raiva quando ela falava com outros homens, nem que fosse apenas para dizer “como vai?”. Talvez ele tivesse tentado vendê-la e ela tivesse se recusado a ser vendida — o que poderia explicar por que eles ainda eram pobres e endividados e por que morreriam assim. E talvez seu pai, que certamente se sentira mal por tentar vender a esposa, tivesse se tornado taciturno e ciumento não por causa de algo que ela tivesse feito, mas por causa do que ele mesmo havia tentado fazer! Talvez sua mãe tivesse tanto medo de Grange quanto ele, aterrorizada por sua compostura tensa. Talvez ela tivesse medo de que ele a vendesse de qualquer maneira, quer ela aceitasse ser vendida quer não. Talvez fosse por isso que ela se esforçava tanto para agradá-lo.

Brownfield ficou com dor de cabeça de tanto tentar entender o significado do que os primos tinham lhe contado. A necessidade de compreender as ações de seus pais penetrou nele com o riso dos primos. O sangue correu para sua cabeça e ele ficou nauseado. Pensou febrilmente em como passavam as semanas. No calor, no frio, no trabalho, na sensação de desespero por trás de todos os pequenos sorrisos dissimulados. Na sensação de fome no inverno, nos rostos desolados e sisudos, nas ocasiões em que comia casca de árvore quando era deixado sozinho antes de a mãe voltar para casa cheirando a iscas e estrume. Na pele macia e no hálito de leite da mãe; no jeito taciturno do pai, e na sensação de um conhecimento inevitável e galopante, como uma tempestade de verão que chega com ventos fortes e inundações repentinas, que iria por fim quebrar o silêncio e esmagá-los sem piedade. Um dia ele saberia tudo e seria igual aos primos e ao pai, e talvez até a Deus.

A vida deles seguia uma espécie de ciclo que dependia quase completamente do humor de Grange. Na segunda-feira, sofrendo com uma ressaca e com as sequelas de uma violenta discussão que tivera com a esposa na noite anterior, Grange ficava taciturno, intratável, reservado, em uma agonia profunda sob o sol quente do início da manhã. Margaret ficava tensa e rígida, extremamente nervosa. Brownfield andava pela casa como um rato. Na terça-feira, Grange ficava apenas quieto. A esposa e o filho começavam a relaxar. Na quarta-feira, conforme o dia se alongava e as fileiras de algodoeiros se alongavam ainda mais, Grange murmurava e suspirava. Ficava sentado respirando o ar da noite por mais tempo antes de ir para a cama; falava de se mudar, de ir para o Norte. Talvez tentasse até mesmo calcular quanto devia ao homem que era proprietário das plantações. O homem que dirigia o caminhão e que era o dono do casebre que ocupavam. Mas essas atividades o deixavam deprimido, e ele dizia coisas nas noites de quarta-feira que faziam sua esposa chorar. Às quintas-feiras, o abatimento de Grange atingia o auge e ele fazia caretas respeitadas, com os olhos velados, ao ouvir as piadas contadas pelo homem que dirigia o caminhão. Nas noites de quinta-feira, percorria todos os cômodos da casa com um passo imponente, pendurando-se e se balançando nas vigas da varanda. Brownfield ouvia suas articulações rangendo em meio aos sons da varanda, pois toda ela estremecia quando seu pai se balançava. Na sexta-feira, Grange estava tão entorpecido pelo trabalho e pelo sol que não queria nada além de descansar pelos próximos dois dias antes de começar tudo de novo.

Na tarde de sábado, Grange fazia a barba, tomava banho, vestia um macacão e uma camisa limpos e ia de carroça até a cidade para comprar mantimentos. Enquanto ele estava fora, a esposa lavava e alisava os cabelos. Ela se arrumava e se sentava, resplandecente e bela, junto à porta aberta, esperando ansiosamente por visitas que nunca chegavam.

Brownfield também ficava limpo e bem-vestido e brincava contente na floresta silenciosa e na clareira. No sábado à noite, já bem tarde, Grange voltava para casa cambaleando de bêbado, ameaçando

matar a esposa e o filho, tropeçando e disparando sua espingarda. Ele ameaçava Margaret, que saía correndo e se escondia na floresta, com Brownfield encolhido a seus pés. Então Grange saía pela porta e ia para o quintal, chorando como uma criança, dando grandes soluços sofridos e esfregando toda a cabeça na terra. Ele ficava deitado lá até domingo de manhã, quando as galinhas ciscavam ao seu redor, o cão o farejava e nem a esposa nem Brownfield chegavam perto dele. Em vez disso, Brownfield brincava do outro lado da casa. Andando com firmeza, mas ainda pálido ao meio-dia, Grange atravessava o pasto e a floresta, precipitando-se, como um homem cego, até a Igreja Batista, onde sua voz se elevava acima de todas as outras em cânticos e orações. Margaret também estaria lá, Brownfield dormindo no banco a seu lado. De volta à casa depois da igreja, Grange e Margaret começavam uma discussão durante o jantar que os lançava em mais uma semana exatamente como a anterior.

Brownfield deixou de observar a estrada e examinou com ódio a casa onde moravam. Era um casebre de dois cômodos com uma chaminé de tijolos em um dos cantos. O telhado era de telhas de madeira cinza em decomposição; as laterais, tábuas verticais cinzentas; todo o aspecto da casa era cinza. Era mais baixa no meio do que nas extremidades e lembrava um animal com o dorso arqueado, pronto para pastar. Havia um poço de pedra localizado funcionalmente no meio do quintal, o balde de madeira coberto de musgo pendurado por uma corrente enferrujada e pedaços de corda puída. Onde a água era descartada, atrás do poço, ipomeias desabrochavam, seus tentáculos se estendendo até a pilha de lenha, que era uma mistura de pedaços de troncos de árvore, lascas de ossos de carcaça depositados pelo cachorro e bridões e freios descartados que haviam atormentado as mandíbulas e os dentes de muitas mulas teimosas.

Pelo canto do olho, Brownfield notou que o pai também examinava a casa. Grange estava parado, com um dos braços dobrado sobre a

base das costas, à moda de um soldado, e com a outra mão fazia gestos na direção disso e daquilo no casebre, como se apontasse os reparos necessários. Havia muitos. Ele era um homem alto, magro e taciturno, ligeiramente curvado de tanto arar a terra, com a pele de um marrom-escuro e lustroso como o de uma noz-pecã. Tinha trinta e cinco anos, mas aparentava ser muito mais velho. O rosto e os olhos tinham um vazio e uma tristeza impassíveis, como se um grande fogo tivesse se apagado dentro dele e sua falta só tivesse sido sentida recentemente. Ele parecia desprovido de qualquer emoção, enquanto Brownfield o observava, exceto pela desorientação. Uma desorientação tão completa que ele realmente não parecia saber o que via, embora sua mão continuasse a gesticular, mais ou menos a esmo, e seus lábios se movessem, articulando palavras ininteligíveis. Enquanto o filho observava, Grange ergueu os ombros e deixou que caíssem. Brownfield conhecia bem esse movimento; era o encolher de ombros fatal. Significava que seu pai não via nada na casa que pudesse mudar e, portanto, deixaria de gesticular na direção dela e nunca mais pensaria em consertá-la.

Quando a mãe de Brownfield manifestou o desejo de que ele frequentasse a escola, Grange avaliou a possibilidade com a mesma gesticulação inaudível que havia dirigido à casa. Como não sabia nada sobre escolas, mas sabia que não tinha dinheiro, encolheu os ombros; o encolher de ombros foi o fim desse sonho em particular. Foi a mesma coisa quando Margaret precisou de um vestido e Grange não tinha como comprá-lo. Ele se limitou a encolher os ombros e nunca mais mencionou o assunto. Depois de cada encolher de ombros, ele ficava mais silencioso do que antes, como se cada um desses movimentos o privasse de mais um tópico de conversa.

Brownfield deixou de olhar para o pai e para a casa e se voltou para a mãe, que passava a mão nos olhos. Ele se sentou de cara fechada, tomado por um descontentamento recém-descoberto. Estava triste por ela e se sentia amargamente pequeno. Como poderia suportar perdê-la, para o pai, para a morte ou para a idade? Como sobreviveria sem sua

força dócil e a fragrância flutuante de seu corpo, que era doce, convidativa e delicada, e ao mesmo tempo cheia dos aromas reconfortantes de comida, sabão e leite.

— Ocê podia ter ido — disse Grange baixinho para a esposa.

— Eu não sei é nada sobre como as coisa é lá pros lado do Norte.

— Ocê podia aprender.

— Não, eu acho que não — havia um suspiro em sua voz.

Brownfield se animou. Então seus primos estavam certos; houvera conversas sobre ele e a mãe irem com eles para a Filadélfia. Por que não foram? Ele ficou zangado e se sentiu deixado de fora.

— Eu num sabia que *chamaram* nós para ir. *Eu* quero ir lá pros lado do Norte. — Seus primos diziam que só os caipiras mais ignorantes da Geórgia diziam “lá pros lado do Norte” como ele.

A mãe sorriu para ele.

— E usar os cabelo esticado feito uma mulher? Pode esquecer, menino!

Brownfield, um admirador do tio Silas, não se deixou dissuadir.

— É só eu não usar o lenço apertado em volta dos cabelo à noite — disse ele.

— Coitada da minha irmã Marilyn — murmurou sua mãe, com tristeza. — Toda emperiquitada que nem uma mulher da vida. Deus Nosso Senhor *me* ajude a nunca querer usar os cabelo de outra mulher na *minha* cabeça. Pra falar a verdade — continuou ela, se dirigindo a Grange por cima da cabeça de Brownfield —, eu acho que aquilo nem *era* cabelo de verdade. Deu pra sentir quando ela tirou pra mim experimentar. Parecia mais os cabelo que tem na ponta do rabo de uma vaca, e quando ocê puxa um fio, ele esticava.

— Eu gosto, porque faz um barulhinho — disse Brownfield com um ar romântico.

— Isso é porque ocê não tem juízo nenhum — disse Grange.